

Missão do FMI

vai negociar

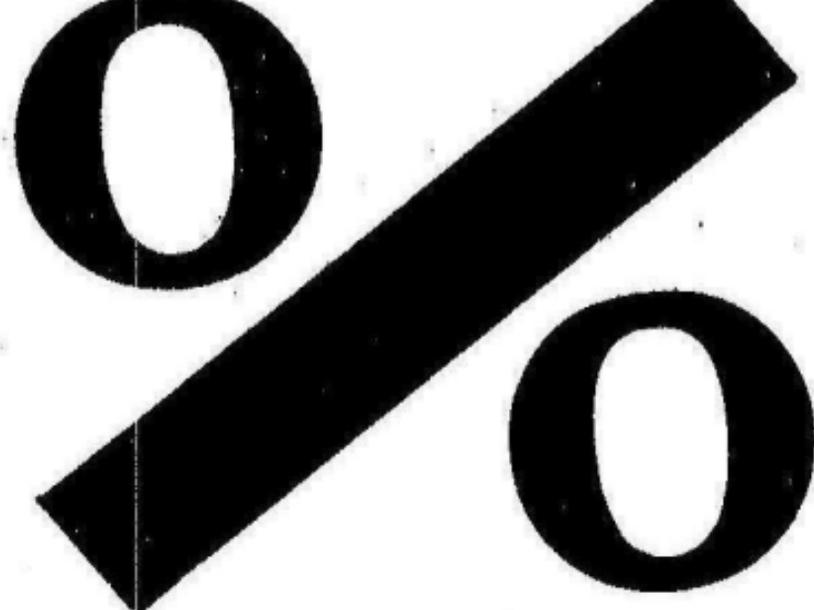
quinta carta

BRASÍLIA — O Governo brasileiro negociará com a missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) que chega domingo ao País a quinta Carta de Intenções do programa de ajustamento econômico mantido desde 1983. O novo documento conterá não só a revisão das metas de desempenho econômico estabelecidas até setembro, como também os objetivos a serem fixados para o último trimestre deste ano.

A área monetária, que vem experimentando expansão acima dos níveis desejados, deverá concentrar, segundo informou ontem fonte credenciada do Banco Central, as atenções da missão de consulta do FMI.

O Governo brasileiro acredita que dificilmente será possível aceitar um compromisso que estabeleça um crescimento anual da base monetária (emissão de moeda) inferior a 100 por cento, já que até julho ela praticamente esgotou a meta anual de 50 por cento válida no programa original. Essa revisão deverá implicar, também, maior folga para os empréstimos do Banco do Brasil.

O FMI deverá insistir, entretanto, na discussão de alguns focos importantes de pressão sobre a área monetária, dos quais, o mais crucial é o déficit da Previdência Social.



LONDRES — Os principais bancos ingleses — Barclays, National Westminster e Midland — reduziram ontem sua taxa básica de juros de 12 para 11, 5 por cento. A decisão foi provocada pela inesperada queda de um por cento nos meios de pagamento (dinheiro em circulação e depósitos à vista nos bancos) do país em julho. Os economistas haviam previsto uma ligeira alta dos meios de pagamento no mês passado. A taxa básica de juros, ao contrário da prime rate americana (taxa preferencial) vale para os empréstimos em libra (e não em dólar) e é geralmente um ponto percentual mais baixa que os juros cobrados aos melhores clientes dos bancos britânicos.

O QUE DEU NOS JORNAIS

● LES ECHOS — O Brasil se opôs ao programa de co-financiamento do Banco Mundial e de bancos privados para a obtenção de novos recursos em 85, porque o projeto "exigiria uma reforma prévia e profunda das regras comerciais brasileiras, consideradas extremamente protecionistas pelos países industrializados. São condições que o Brasil julga muito pesadas", comentou o jornal econômico francês. "De todos os países endividados da América Latina, somente a Venezuela está satisfeita com a forma de refinanciamento de sua dívida externa imposta pelos bancos credores", acrescentou "Les Echos".

● LE QUOTIDIEN — O matutino parisiense deu destaque ao pronunciamento do Secretário da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), Emile Von Lenep, na Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (Unido), em Viena. O secretário advertiu os países endividados contra a utilização do protecionismo comercial como remédio para suas dificuldades econômicas. "Os países em desenvolvimento com altas dívidas externas têm que criar um clima de confiança para os investimentos externos e ampliar o espaço da iniciativa privada".